

# Apresentação

Max Martins é figura de destaque no cenário das letras paraenses.

Neste número da Revista ASAS DA PALAVRA apresentamos vários estudos e olhares sobre aspectos diversos dessa personalidade literária, procurando acompanhá-la na sua trajetória, nos rumos indicados pela “seta semovente”, caminhos e movimentos da sua poesia marcada pela universalidade de significados, cujo signifiante se revela na busca de novos objetos e modos de expressão. Manifestações outras da arte poética e que se acham, em Max, configuradas em versos, desenhos, colagens que dialogam entre si, num conjunto dinâmico e instigante.

Para expor essa criação intensa —e extensa— e que já vem sendo amplamente examinada por críticos, por professores, por estudantes, por amantes da boa poesia, conseguimos recolher e reunir alguns desses estudos, apenas alguns (o que o espaço da Revista permite), com a intenção maior de fazer chegar ao leitor um tecido de palavras diversas sobre o poeta, conscientes, nós, entretanto, de ser este apenas um dentre tantos tecidos possíveis, tal é o poder de criação desse artesão de palavras e de imagens. E das linhas múltiplas de interpretação que suscitam.

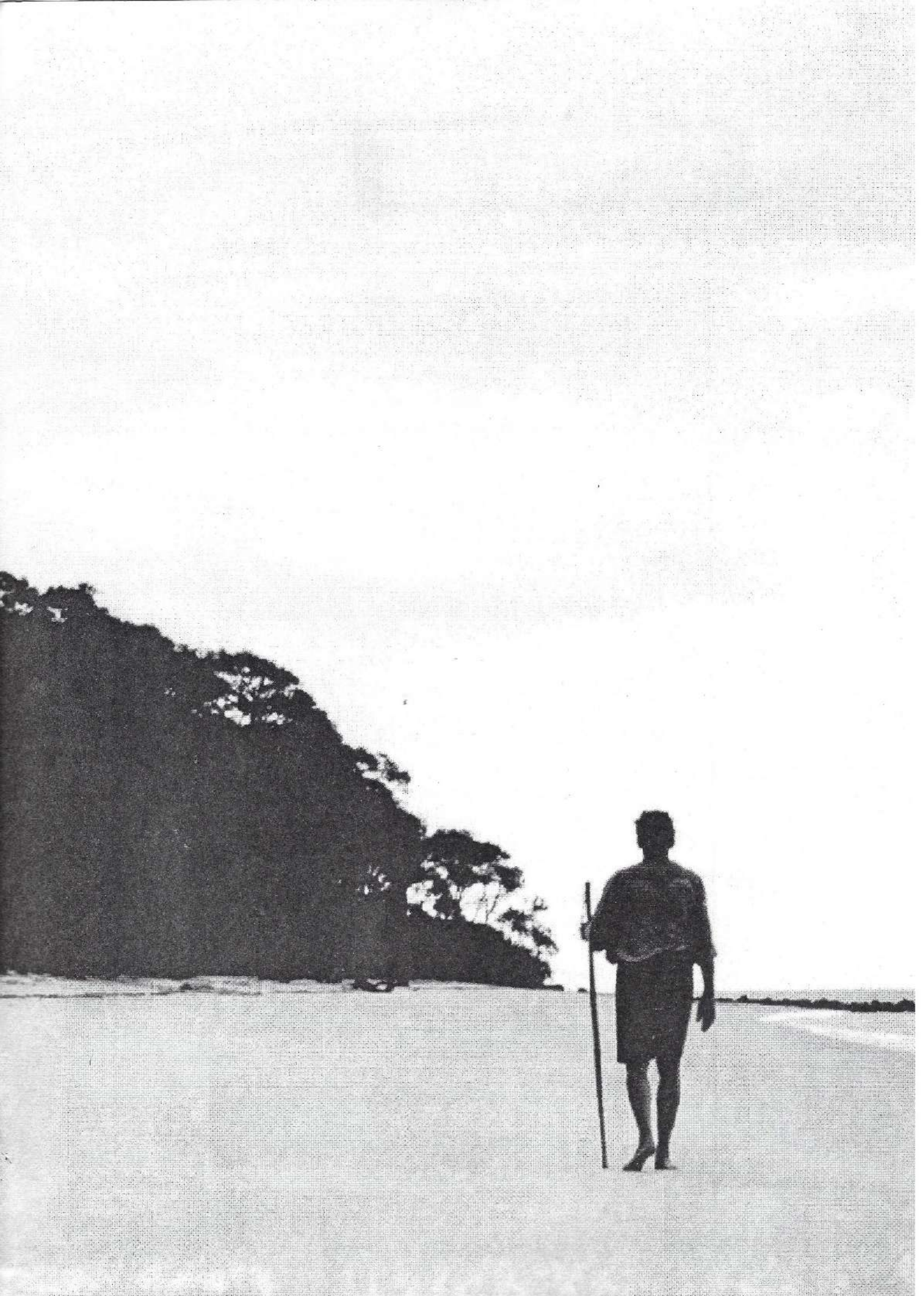
Privilegiamos, assim, (e fomos privilegiados com) os textos de Benedito Nunes, Rosa Assis, Denyse Cantuária, Beto Paiva, Paulo Nunes, Amarilis Tupiassu, Mariano Klautau Filho, Angela Maroja, Lília Chaves, Josse Fares, Sílvio Holanda, José Arthur Bogéa e Yurgel Caldas que representam, aqui, o pensamento e a palavra de muitos outros que conhecem, estudam, admiram Max com igual seriedade.

Para registrar, recuperar e compor com mais intensidade os gestos, as máscaras, os passos que tecem essa figura singular, nos apropriamos dos “fios” fotográficos de Octávio Cardoso, Abdias Pinheiro, Flávy Mutran, Marton Maués, Béla Borsadi e Cláudio Santos, também companheiros de percurso do poeta, através da arte.

Dessa forma, ao texto verbal alia-se o texto visual para o leitor-espectador recriar a imagem do poeta. Uma imagem tecida entre outras também cativantes imagens possíveis. Max Martins é, também, plural.

E por falar em texturas, tecidos, pluralidade é bom dizer que a segunda parte da Revista, Tirando de Letras, traz artigos de Benilton Cruz, Hilton Silva, Sérgio Sapucahy da Silva e Nelly Cecília Paiva Barreto da Rocha. Cumpre-se, assim, o outro propósito desta publicação que é o de ser espaço para o registro de estudos literários e lingüísticos dos nossos docentes, todos educadores —pesquisadores, atentos e dispostos a (re)construir, permanentemente, as pontes entre a Universidade e a sociedade, entre os professores, os alunos e os textos, entre os textos e a vida.

Célia Jacob  
Coordenadora do Curso Letras da UNAMA



Mar-ahu

Não  
é a ilha

Não  
é a praia

E o mar  
(de nos fazermos ao)  
é só um nome  
sem  
a outra margem

*Max Maatius*





Foto: Octávio Cardoso

## O SIGNO MAX

*Com ele a palavra sempre atinge o além do possível. Uma palavra qual esfera esquiva, cuja superfície se compõe com o movimento de muitas passadas. A cada passo, giram-se os significados e despoja-se o signo dos sentidos habituais, automatizados, para que germinem outros campos semânticos. A mão que move as arestas, os espelhos, as faces dos verbos move-se com cautela, apesar de impor-se inquieta e persistente; incontavelmente insatisfeita. Em sua faina, tudo que ressoe a significado conta. Todas as maneiras de dizer o verso, qualquer imposição vocabular. Tudo ao derredor participa de sua lavra, de sua fortuna poética para que se conjugue à colheita a diversidade e o múltiplo. Forma, disposição da grafia, cor, ritmo, sonoridade, disjunção e conjunção de elementos significativos, o espaçamento que se dota de valor, a palavra em sua integridade ou o fragmento, às vezes farrapos de palavras, prefixos que ganham o mundo sozinhos desmembrados de seus radicais; colagens, grafismos, o desenho, a visualidade, a imagem, um tudo compósito preenche os espaços da página em branco sob as flexões dos dedos de Max Martins, este poeta paraense para quem a construção, a fruição da poesia é ato vital, jamais a gesticulação do banal e passageiro.*

Amarílis Tupiassu  
julho 2000.

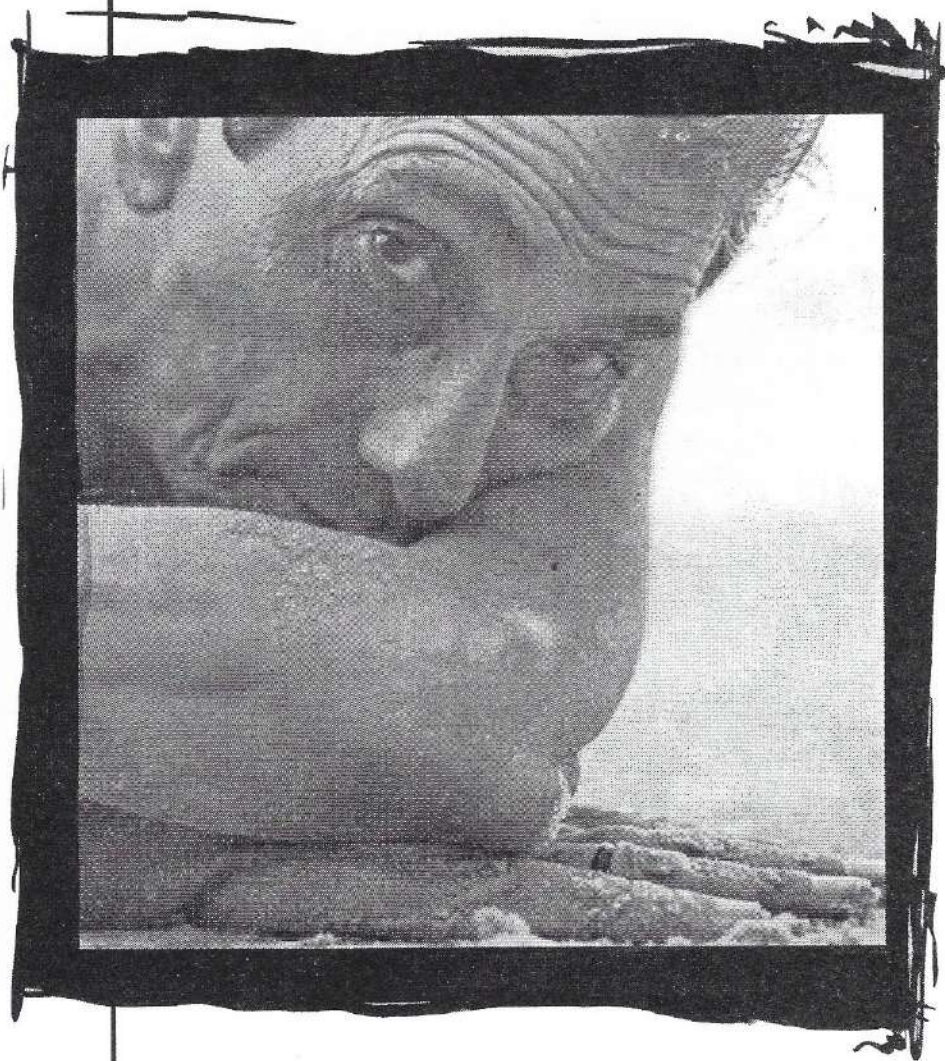


Foto: Octávio Cardoso